

O DOMINGÃO - 5-1976

arte&comunicação

DAVID PROTTI

HA' MOVIMENTO ARTISTICO EM RIBEIRÃO?

? Existe movimento artístico em Ribeirão? — O Domingão perguntou a oito pessoas e seis foram unânimes: não há. Duas porém garantiram que há. Sintomaticamente os dois que estão otimistas sobre um possível "movimento artístico" em Ribeirão, são funcionários públicos do Departamento de Cultura: seu próprio diretor e um assistente. Artistas, críticos, intelectuais e até gente do povo porém, negam qualquer movimento mais sério em Ribeirão. Preto para estimular as atividades artístico-culturais. A cidade ainda é muito provinciana, tanto que, quase todo mundo, quando se fala em "movimento artístico ou cultural", logo pensa em artes

plásticas.

Isso acontece porque em certo tempo os artistas plásticos tiveram muita evidência e também, porque um dos homens que balançaram a pasmaceira da cidade, nos anos 50, foi um artista plástico: Bassano Vaccarini. Ainda hoje quando se fala em arte e cultura, logo os desprevenidos ribeirão pretanos pensam em artista plástico.

Nessa pequena série de depoimentos, fica claro que esta cidade, enquanto vai empilhando tijolo e cimento para fazer a Casa da Cultura, não tem nada estruturado para que um verdadeiro "movimento

artístico" seja implantado. Pelo contrário, apesar do cimento e dos tijolos que fazem crescer a construção, tudo está piorando. Quando não tínhamos teatros, há uns dez anos, haviam vários bons grupos teatrais amadores. Peças como "Zumbi" ou "Os Fuzis da Senhora Carrar", foram montadas com grande precisão. Festivais de música aconteceram em várias ocasiões. As próprias participações dos artistas plásticos eram mais importantes. Hoje, com teatros, escolas de arte, Departamento de Cultura etc., quase todos que participam em movimentos artísticos se queixam. Cultura não brota do chão. E nem será o paternalismo — na verdade o que existe — sem critério que fará um "movimento

artístico" que desperte o povo da sua indiferença para com os problemas culturais. Porém, se não é o paternalismo que vai mudar a situação, já que existe um Departamento de Cultura sustentado com o dinheiro do imposto que pagamos, que pelo menos eles façam alguma coisa. Aqui porém, os depoimentos de Antonio Palocci (diretor do Depto. de Cultura), Carlos Palma (do Grupoestréia), Bassano Vaccarini (Professor de Arte), Pedro Manuel Gismondi (Professor de História da Arte e crítico), Odila Mestriner (artista plástica), Mandrake (escultor), Gil (jovem artista), Thirso Cruz (artista funcionário público). Eles respondem à pergunta: — Há movimento artístico em Ribeirão?

Aqui não temos artistas

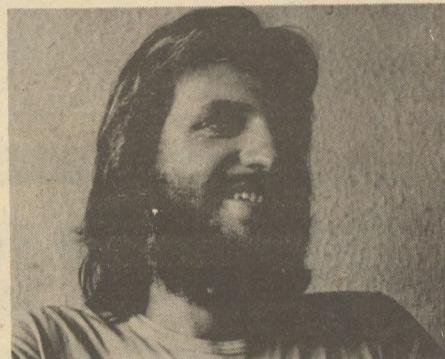
"Ribeirão não tem artistas, o que tem aí é muito professor primário metido a besta".

Quem diz isso é Mauri Lima, barbudo e cabeludo, olhado meio de lado pelo povo, mas que não está a fim de agradar ninguém. Segundo ele, só de dizer a verdade. "O único movimento que Ribeirão tem é esse aqui", diz ele batendo no seu próprio peito. Afirma também que levando o rótulo de artistas, há um grande número de funcionários públicos e até operários. Artista mesmo, tirando ele talvez, essa cidade não tem ninguém.

"Por parte do Departamento de Cultura não tem nada, eles não fazem nada. O pessoal do Departamento fica só fazendo 'show' beneficiante, festinha de fim de semana e transa com as senhoras da caridade."

O povo, segundo ele, não está interessado em arte.

É por isso que ele não mostra os seus trabalhos. As mostras que se fazem nas galerias, na sua opinião, são fajutas: "É tudo chá de cozinha. O pessoal não sabe nada, não faz nada e se fecha em grupinhos do mais puro comercialismo."



A culpa de tudo isso? E que em Ribeirão Preto, segundo Mauri Lima, só dá político. E eles são ruins demais. Seria necessário conscientizar o povo e os artistas (?) para despertarem o sono oficial. Mas como ninguém se preocupa com arte e todo mundo está acomodado, a situação sempre será essa, conclui Mauri. "Os artistas daqui não querem nada. Eles fazem arte-salão, arte-enquadrada, e a arte tem que ser movimento, mensagem." Segundo Mauri Lima estamos mal e de "movimento artístico" mesmo só temos o soco que ele dá em seu próprio peito.

Falta um ponto de encontro

Bienalizada, medalhada, consagrada e — pasmem-se — capaz até de vender seus quadros, Odila Mestriner é o protótipo perfeito do artista plástico bem sucedido numa cidade média. Ela fica no meio termo: afirma que há muita gente trabalhando e principalmente no seu campo das artes plásticas, até que as coisas melhoraram. Há muitas galerias de arte, se bem que o movimento comercial não seja grande coisa.



Culturalmente porém, está melhorando. O artista já não é "marginal". Ou nunca foi no conceito de Odila:

"O próprio artista individualiza-se e depois sente-se marginalizado". E completa: "O trabalho do intelectual é da minoria, o artista é um indivíduo integrado e contribui para a sociedade no plano extensivo de desenvolvimento."

O "movimento artístico" porém, não existe em Ribeirão:

"Comercialmente não há mercado de arte, não há o colecionador, o público que compra. Em termos culturais sim, porque o artista dá tudo de si. Não há porém, valorização do povo pelo artista, mas aos poucos tudo vai se transformando."

O que falta aos artistas de Ribeirão, para que a arte seja um "movimento artístico", é um ponto de encontro: Falta é um local que seja ponto de encontro, para um melhor relacionamento, que reuna a classe para discutir pontos de vista, experiências etc... O artista tem atividade muito pessoal e cada um tem o seu interesse na introspecção de si próprio."

Cansado de malhar

Bassano Vaccarini, que já deveria estar cansado de malhar o que se fez de errado nessa cidade na tentativa de criar um "movimento artístico", não descansa porém, e malha mais:

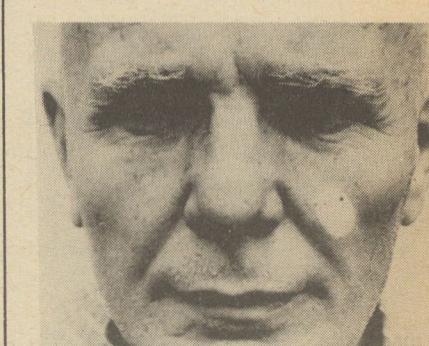
"Não há movimento algum e sim artistas que se pressupõem ter objetivos comuns." Vaccarini é realista e afirma que a arte é perfeitamente dispensável dentro da burrificante sociedade de consumo em que nos atolamos. Dessa forma, o artista é também perfeitamente dispensável, a não ser, óbvivamente, que faça arte aplicada. Apesar de tudo porém, Vaccarini diz que Ribeirão tem um bom número de artistas capazes mas que eles vivem isolados, quando o válido seria a comunicação de todos para trocarem experiências sobre a vivência comum.

"Nesse caso — diz ele —, se a Casa da Cultura for estruturada dentro do esquema previsto, poderá ser um laboratório de pesquisas em vários setores: pintura, escultura, música etc."

Duro mesmo, é que o povo é inerte quanto à participação do artista. O povo precisa ser treinado pelos jornais, revistas, enfim, todos os meios de comunicação de massa, para sentir a arte. Cita o exemplo da Europa:

"Lá o povo vive, cheira, toca a arte e sabe disso. Sabe o valor cultural e artístico das coisas. No Brasil o artista sente fatal desse conhecimento do povo — que não é estimulado por razões históricas e culturais — e está sempre forçando a barra, levando a coisa adiante com ousadia."

A Casa da Cultura poderá ser, segundo ele, o ponto de partida para um "movimento artístico-cultural", desde que o poder público saiba o que fazer com ela.



Vai tudo bem

O professor Palocci, funcionário público da cultura oficial, está eufórico:

"O movimento em Ribeirão está excelente, nunca esteve como atualmente. Todos os setores estão empreendendo atividades e o Depto. de Cultura está incentivando, através do Salão de Artes, os artistas plásticos." Está certo que ele é o homem oficial das artes municipais, mas o professor abusa do seu otimismo:

"Estamos procurando motivar os jovens, dando oportunidades de mostrar obras nas galerias, inclusive para breve haverá mais uma galeria no terminal de ônibus da Praça Carlos Gomes."

A "galeria" que existe na Praça Carlos Gomes é um "box" com cartazes rasgados sujando as paredes, mas o professor Palocci não toma conhecimento destes pequenos detalhes:

"Há participação objetiva e concreta em termos artísticos. Para breve a Prefeitura deve lançar um edital para a confecção de quadros sobre fatos históricos ocorridos no Brasil e em Ribeirão."

Se o patriotismo artístico que o professor Palocci vai lançar em Ribeirão não der certo — na Itália pelo menos, os futuristas no temo do Duce... — para aumentar o "movimento artístico", a culpa não será dos poderes constituidos oficialmente em promotores de arte:

"Se o artista está marginalizado é porque ainda não encontrou sua verdadeira expressão, e enquanto não encontrar sua posição ele tende a marginalizar-se."

No seu depoimento o professor Palocci afirma que a sociedade ajuda a cultura comprando objetos de arte — nem que for para a decoração — o Poder Público e os setores privados, na opinião do professor Palocci, deveriam porém, ajudar mais os artistas.

segue